

JOGOS DE SINAIS HÍBRIDOS E EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS-LIBRAS

Paulo Jeferson Pilar Araújo¹

Thaisy Bentes²

RESUMO

Apresentam-se as propostas de tipologia de empréstimos nas línguas de sinais, para então apontar casos específicos de empréstimos como os jogos de sinais híbridos, discutindo-se se as restrições de boa formação dos empréstimos se aplicam aos jogos de sinais. Advoga-se que os processos de mudança de sinais indicados por Battison (2003 [1978]) corroboram o estatuto específico dos jogos de sinais híbridos como casos de empréstimos. Por fim, são delineados direcionamentos de investigação relacionados à morfofonologia da Libras, tendo como pano de fundo os jogos de sinais híbridos.

Palavras-chave: Jogos de sinais híbridos, Libras, Empréstimo, Português.

ABSTRACT

A proposal for a a typology of borrowings in sign languages are presented in order to point out specific cases of borrowings such as hybrid signplays, discussing whether well-formed restrictions on loans apply to signplays. It is argued that the processes of sign changes indicated by Battison (2003 [1978]) corroborate the status of specific hybrid signplays as loanblends. Finally, research

1 Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: jeferson_pilar@yahoo.com.br

2 Professora da Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: thaisybentes@hotmail.com

possibilities on the phonology and morphology of Libras are pointed out, taking as the starting point the hybrid signplays and borrowings.

Keywords: Hybrid Signplays, Libras, Borrowing, Portuguese.

Introdução³

A Língua Brasileira de Sinais-Libras tem recebido mais e mais estudos ocupados com seus aspectos linguísticos. À medida que as pesquisas avançam, aspectos menos conhecidos começam a chamar a atenção dos estudiosos, apesar de ainda faltar bastante para que se tenha uma descrição exaustiva das áreas comumente consideradas nos estudos da linguística das línguas de sinais, a exemplo da fonologia e morfologia.

A questão dos empréstimos linguísticos já foi recentemente detalhada em alguns trabalhos (Faria do Nascimento, 2009; Nascimento, 2010, entre outros) abrindo algumas possibilidades de pesquisa e permitindo que possamos observar processos considerados marginais, como a existência de jogos de palavras, trocadilhos, hibridismos, etc., na Libras. Neste trabalho o objetivo é apontar um caso particular de empréstimos do português, língua na modalidade oral-auditiva, na Libras, língua visuoespacial, e discutir o papel que os jogos de sinais (jogos de palavras em línguas sinalizadas)⁴ tem com os empréstimos nesta língua, focalizando os aspectos formacionais ou fonológicos e morfológicos, dos sinais. Para tanto, são considerados os trabalhos sobre empréstimos na Libras; os trabalhos ocupados com os aspectos fonológicos e morfológicos na nativização de empréstimos (Battison 2003 [1978]) e o caso particular dos jogos de sinais e suas especificidades na expansão do léxico nativo das línguas de sinais de modo geral (Klima: Bellugi, 1979) e na Libras em particular (Araújo; Bentes, 2016), apontando posteriormente as implicações de estudar os jogos de sinais em debates relacionados à fonologia e morfologia da Libras.

³ Este trabalho é decorrente de resultados preliminares de pesquisa da segunda autora, relacionados à tradução de trocadilhos literários de “Alice no País das Maravilhas” do português para a Libras, no Programa de Pós-Graduação em Tradução-POSTRAD da Universidade de Brasília-UnB. Os dados foram, em sua maioria, em oficinas de tradução de trocadilhos como ainda em interações espontâneas. A pesquisa está vinculada ainda ao Laboratório de Pesquisas em Línguas Orais e de Sinais-LaPLOS, do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Roraima-UFRR, no qual o primeiro autor é líder.

⁴ Tomamos a liberdade de utilizar o termo jogos de sinais em acordo com Araújo e Bentes (2016) que também utilizam o termo “trocadilhos sinalizados” baseados em Klima e Bellugi (1979). Portanto, utilizamos aqui “sinais” no sentido de “palavra”, seguindo Meir (2012, p. 78): “As palavras das línguas de sinais são geralmente referidas como sinais (...)”.

O artigo está organizado em três partes, como segue: na primeira parte oferecemos uma breve descrição sobre os empréstimos de línguas orais em línguas de sinais, tomando o caso da Libras. Na segunda parte, são apresentados os jogos de sinais (palavras) coletados da Libras e uma rápida discussão sobre a importância de lidar com jogos de sinais para os estudos linguísticos da Libras e seus empréstimos. Na terceira e última parte, a discussão é voltada para uma descrição e estatuto dos jogos de sinais e suas restrições fonológicas de boa formação e as frentes de investigação nas quais os jogos de sinais podem contribuir para um melhor entendimento da fonologia e da morfologia das línguas sinalizadas.

1. Empréstimos de línguas orais em línguas de sinais

O trabalho de Battison (2003 [1978]) é clássico sobre empréstimos em língua de sinais, tendo como foco a Língua de Sinais Americana-ASL (*American Sign Language*). Para a Libras, os trabalhos voltados para os empréstimos linguísticos se concentram em dissertações e teses, além de artigos esparsos em vários periódicos científicos (Faria do Nascimento, 2009; Nascimento, 2010, entre outros). Para este trabalho, tomamos o conceito de empréstimo em sentido estrito, seguindo Haspelmath (2009, p. 36) que encara empréstimo como:

Um termo geral para todos os tipos de transferência ou processos de cópia, seja devido à adoção de elementos de outras línguas na língua recipiente por parte do falante nativo, seja como resultado de falantes não-nativos impondo propriedades da sua língua nativa em uma língua recipiente. (Tradução nossa).

Um segundo conceito referido por Haspelmath é o de encarar como empréstimos apenas os elementos que foram realmente acomodados, isto é, integrados na língua recipiente, portanto, em sentido mais restrito⁵. Para o caso das línguas de sinais, os mesmos fenômenos podem ser observados, com a particularidade da diferença de modalidade, ou seja, a diferença entre as línguas oral-auditivas e visuoespaciais. Dentre os fenômenos de empréstimo existentes nas línguas de sinais, citam-se o uso do alfabeto manual ou datilologia (*fingerspelling*), a oralização (*mouthing*) e os calques (Adam, 2012, p. 848-851). Uma das particularidades da coexistência entre uma língua oral e uma língua de sinais é a possibilidade de articulação simultânea entre sinais e fala, produzindo o que é conhecido na literatura como *code-blending* (mescla de códigos), além do fenômeno bastante comum no contato entre duas

⁵ A opção por adotar um conceito mais amplo para empréstimo (*borrowing*), quando não especificado, é o mais comum na literatura, a exemplo dos trabalhos apresentados em Matras e Sakel (2007, p. 1): “Usamos o termo ‘empréstimo’ como um termo guarda-chuva para a adoção de traços estruturais em uma língua como resultado de algum nível de bilinguismo na história da comunidade de fala em questão.” (Tradução nossa).

línguas faladas, o *codeswitching*. Para o caso das línguas de sinais e o constante contato com a língua falada majoritária, é bastante comum que a língua oral exerça forte influência sobre a língua de sinais (o português em relação com a Libras, por exemplo).

Para a Libras, Nascimento (2010)⁶ propõe uma tipologia de empréstimos baseando-se em dois trabalhos: o de Ferreira (2010 [1995]) e Faria do Nascimento (2009), apresentando um paralelo entre esses dois trabalhos, como segue no Quadro 1, abaixo:

QUADRO 1 - Tipologia de empréstimos na Libras (Adaptado de Nascimento, 2010, p. 41)

Ferreira (2010 [1995], p. 21-24)	Faria do Nascimento (2009, p. 59-70)
a) Empréstimos lexicais	a) Empréstimos por transliteração <ul style="list-style-type: none"> • Transliteração pragmática (datilológicos) • Transliteração lexicalizada (semi-datilológicos)
b) Inicialização	b) Empréstimo por transliteração da letra inicial, inicialização (<i>initialized signs</i>)
c) Empréstimos de itens lexicais de outras línguas de sinais ⁷	
d) Empréstimos de domínio semântico ⁸	
e) Empréstimos de ordem fonética	c) Empréstimos da configuração visual dos lábios
	d) Empréstimos semânticos (decalques)
	e) Empréstimos estereotipados
	f) Empréstimos cruzados

Além dos tipos de empréstimos possíveis de ocorrer nas línguas de sinais, conforme Quadro acima, existem aqueles menos comuns, considerados marginais, tanto nas modalidades sinalizada quanto falada (Araújo, G., 2000; Gonçalves, 2006; 2011), tais como as mesclagens lexicais ou *blendings*, os jogos de palavras, etc. Ainda no rol de empréstimos decorrentes de processos de

6 Decidimos por referendar a data da publicação consultada entre parênteses e em seguida, entre colchetes, a data da primeira publicação: (2010 [1995]), de modo que possíveis confusões entre sobrenomes e datas de publicações sejam evitadas. Ademais, a escolha por referendar Faria do Nascimento (2009) se dá também como forma de diferenciar do trabalho de Nascimento (2010).

7 Neste trabalho, nos ocupamos apenas de empréstimos entre língua falada e língua sinalizada. Um estudo sobre empréstimos apenas entre línguas de sinais, focalizando a Libras, é Machado (2016).

8 Os empréstimos de domínio semântico de Ferreira (2010 [1995]) não correspondem aos empréstimos semânticos (decalques) de Faria do Nascimento (2009), necessariamente.

formação de palavras, incluem-se aqueles considerados hibridismos (Gonçalves, 2011), decorrentes de duas línguas diferentes⁹. Esses jogos de sinais são considerados marginais por receberem pouca atenção dos estudiosos, então são marginais em relação aos outros processos de criação lexical mais investigados. Outrossim, sabe-se que nas línguas de sinais acontecem com bastante naturalidade esses hibridismos entre a língua sinalizada e a língua falada da sociedade envolvente. A existência dos “jogos com os sinais” é conhecida desde o trabalho seminal de Klima e Bellugi (1979, p. 319) ao atestarem que: “Na comunicação espontânea em ASL, os jogos sobre os sinais são abundantes”. Neste ponto, o que está em jogo são processos apontados no Quadro 1 acima, que podem ocorrer nas interações espontâneas de surdos-surdos ou surdos-ouvintes. Na maioria das vezes esses processos são produzidos com o intuito de utilizar um item lexical ainda inexistente na Libras, outras vezes os sinalizantes bilíngues operam com os fenômenos de *codeswitching* e *code-blending*¹⁰. Em outros momentos esses usos linguísticos acontecem com o fim de produzir o humor, nesse caso, surgem os trocadilhos propriamente ditos (Sutton-Spence; Napoli, 2009; Araújo; Bentes, 2016).

Por questão de espaço, convidamos o leitor a visitar os trabalhos de Nascimento (2010) e Faria do Nascimento (2009) para uma definição de cada tipo de empréstimo denominado no Quadro 1¹¹. Para fins de exemplificação, apresentamos um primeiro jogo de sinais também considerado um empréstimo do tipo de transliteração pragmática, conforme tipologia de Faria do Nascimento (2009). Esse jogo de sinais foi realizado durante uma aula na qual o tópico era sobre o trabalho de conclusão de curso ou TCC e um dos alunos, ouvinte, brincou com o sinal TCC que é produzido com a configuração de mão das iniciais, e disse: “O importante é a gente TER-C-C!”. A aluna fez uma brincadeira com o fato de o sinal TCC iniciar com a letra T, mas no lugar de utilizar a CM em T, realizou o sinal TER seguido da configuração em C para insinuar que o graduando interessado em se formar precisar “ter seu TCC pronto”. Para isso, no lugar da CM em T, a CM passa a ser realizada com o sinal do verbo TER da Libras.

Dando continuidade à brincadeira, o primeiro trocadilho permitiu brincar e criar um segundo trocadilho sinalizado, conforme Figura 1:

9 No português, as áreas de informática ou da internet (internetês) apresentam diversos exemplos: shipar, catio, etc.

10 Conferir Adam (2012) para a definição desses processos.

11 O trabalho de Nascimento (2010) está disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/9013>> Acesso em 22 de novembro de 2017. O de Faria do Nascimento (2009) está disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6547/3/2009_SandraPatriciadeFariadoNascimento.pdf> Acesso em: 02 de novembro de 2017.

(1) TER-C-C



Figura 1a – Sinal TER



Figuras – 1b sinal C



Fig. 1c sinal C

No exemplo em (1), os sinalizantes brincavam com o fato de alguém ter um forte odor nas axilas (ter cecê), como se pode ver nas figuras 1b e 1c em que o sinalizante posiciona a mão ativa na CM em C na axila. Esse segundo trocadilho produziu risos entre os presentes¹². Neste exemplo e nos demais que serão apresentados, chamamos a atenção para o fato de o jogo de sinais produzido ter alguma relação com a língua portuguesa, sendo assim um tipo de jogo de sinais e ao mesmo tempo guardando alguma relação com os empréstimos do português, a exemplo da brincadeira da Figura 1 acima. No entanto, a proximidade entre a produção de jogos de sinais e o estatuto de empréstimos de línguas orais em línguas de sinais ainda não foi explorada na literatura conhecida. O único trabalho dedicado ao uso de trocadilhos em línguas de sinais e sua relação com uma língua falada é o de Sutton-Spence e Napoli (2009), porém, nele, as autoras estão muito mais preocupadas com a produção do humor surdo no uso de trocadilhos em línguas de sinais.

Este trabalho surge como uma primeira tentativa de apontar mais detalhadamente as interações entre jogos de sinais e empréstimos, intuito perseguido nas próximas seções.

¹² Agradecemos aqui às observações de um dos pareceristas quem atentou para essa segunda acepção do trocadilho. Em uma versão anterior deste artigo, mencionamos apenas a primeira acepção criada pelos alunos, apesar de no registro das imagens termos selecionado a do segundo trocadilho sinalizado que provocou o humor relatado. De qualquer modo, é interessante notar que o parecerista percebeu o possível sentido do trocadilho sinalizado, mesmo não tendo sido mencionado.

2. Jogos de sinais e empréstimos na Libras

2.1 Sobre a motivação de abordar jogos de sinais e empréstimos

Desde Battison (2003 [1978]), os empréstimos de línguas orais em línguas de sinais têm sido abordados sob diferentes perspectivas, descritivas ou teóricas, conforme pode-se verificar em obra organizada por Brentari (2001). No capítulo 3 dessa mesma obra, Brentari e Padden (2001) propõem uma nova abordagem de “visualizar” o léxico das línguas de sinais, sejam eles nativos ou não-nativos. Para isso, as autoras afirmam que além dos “empréstimos sinalizados” (*loan signs*), os empréstimos nas línguas de sinais podem ser ainda os nomes sinalizados, as inicializações, as abreviaturas e os sinais + compostos soletrados pelo alfabeto manual (Brentari; Padden, 2001, p. 91). As autoras propõem ainda uma representação do léxico da ASL que lembra um *continuum* do núcleo dos elementos nativos aos não-nativos e estrangeirismos (Brentari; Padden, 2001, p. 89). Em grande parte, os elementos não-nativos são produzidos a partir do parâmetro Configuração de Mão (CM)¹³ do alfabeto manual, inseridos assim entre os empréstimos por transliteração (pragmática e semântica) e inicialização, conforme Quadro 1 acima. Tais empréstimos são analisados de acordo com seu grau de adaptação às restrições de boa formação de sinais das línguas de sinais (LSs). O que chama a atenção é o fato de que o tratamento dado aos empréstimos nas LSs se dê majoritariamente da língua falada para a língua sinalizada, por não se conjecturar haver influências no sentido oposto, da língua de sinais para a língua oral (LO), mesmo que tal direcionalidade de influência possa ocorrer.

A partir do exemplo (1) para o jogo de sinais TER-C-C, indagamos qual seria o estatuto desse tipo de produção de sinais decorrente de jogos com a língua e ao mesmo tempo relacionado com uma língua oral. Seriam jogos de sinais e/ou empréstimos? Alguns desses jogos de sinais parecem não se conformar devidamente aos processos descritos em trabalhos voltados para a temática, tanto para a Libras (Faria do Nascimento, 2009; Nascimento, 2010) como para outras LSs (Battison, 1978; Brentari; Padden, 2001). Neste ponto, o que estamos fazendo neste trabalho é relacionar o fenômeno de empréstimos linguísticos do português para a Libras e a produção de trocadilhos nesta língua, aqui denominados sob o termo guarda-chuva “jogos de sinais”, conforme já mencionado. Como exemplo, apresentamos três jogos de sinais realizados com o sinal PROBLEMA da Libras. O sinal PROBLEMA é realizado com as duas mãos em CM em L do alfabeto manual (não confundir com

13 Os parâmetros aqui considerados são: Configuração de mão (CM), Movimento (M), Localização (L), Orientação (O), Marcas não-manuais (MNM). Mencionamos ainda o Parâmetro Número de mãos (PNM) estudado por Xavier e Barbosa (2013). Para uma descrição detalhada dos parâmetros fonológicos da Libras, sugerimos a leitura de Xavier (2006). Outras siglas presentes neste trabalho são: Línguas de Sinais (LSs); Línguas Orais (LOs).

o parâmetro Localização) e movimentos com os dedos indicadores de cada mão. Para os jogos de sinais, os surdos fizeram as seguintes brincadeiras com o sinal:

(2) PROBLEMINHA



Figura 2 – Sinal PROBLEMINHA

(3) PROBLEMÃO



Figura 3 – Sinal PROBLEMÃO

Os dois jogos de sinais foram realizados durante as oficinas de tradução de trocadilhos literários para a Libras, realizadas pela segunda autora deste artigo. Os exemplos em (2) e (3) foram feitos por um sinalizante surdo para indicar que não era um “probleminha”, (2), o que estávamos fazendo, mas um “problemão”, (3), ou seja, tentar traduzir trocadilhos literários para a Libras. Ao trocar a Localização do sinal PROBLEMA do dedo indicador para o dedo mínimo, o surdo fez uma brincadeira com o sinal, dando a entender que não era um probleminha. E ao realizar o sinal PROBLEMA, mas dessa vez com todos os dedos da mão passiva distendidos, enquanto a mão ativa (com CM em L, própria do

senal PROBLEMA) passa por entre eles dando sentido de ter “vários problemas” ou um problemão.

Os dois primeiros exemplos (Figura 2 e 3) são considerados jogos de sinais prototípicos por se utilizarem de mecanismos bastante conhecidos na produção de jogos de sinais já descritos por Klima e Bellugi (1979). A principal característica desses jogos de sinais é a intenção de produzir humor. Nos dois exemplos, os sinais PROBLEMINHA e PROBLEMÃO foram realizados para brincar com as dificuldades de tradução de trocadilhos literários para a Libras. Numa outra situação, no âmbito de uma associação de pais de surdos, tentávamos explicar para os surdos o fenômeno do rotacismo no português para palavras como “claro” por “craro”, etc., e que os registros do segundo caso carregam conotação negativa indicando um estrato popular e de baixa instrução para falantes do português. Então um dos surdos, ao mostrar que entendeu a distinção, realizou o sinal PROBLEMA da Libras como se mostra abaixo:

(4) PROBLEMA



Figura 4 – PROBLEMA

O curioso dessa “sacada” do surdo foi a de incorporar dentro do sinal PROBLEMA a CM em R, à semelhança com a do português, para distinguir possivelmente dois sinais distintos: PROBLEMA e “PROBREMA”. O ponto em comum para os jogos de sinais em (2), (3) e (4) é a intenção de produzir humor, no entanto, o último jogo de sinais, em (4) tem uma particularidade: é uma brincadeira com o sinal relacionado com a língua portuguesa. Este sinal, PROBREMA, não se configuraria, aparentemente, como um caso de empréstimo prototípico, apesar de se aproximar de casos de empréstimos por transliteração lexicalizada (Quadro 1), configurando-se antes como jogos de sinais produzidos com o intuito de provocar o humor. A particularidade desta última ocorrência, em (4) acima, se dá pelo fato de só ser possível por sua relação com a língua portuguesa, em outras

palavras, um hibridismo.

Outra constatação é a de que jogos de sinais TER-C-C e PROBLEMA foram realizados em contextos específicos, tomando elementos do português. Portanto, a característica comum a eles é a possibilidade de se produzir sinais como esses devido à relação da Libras com a língua portuguesa. Chamamos a atenção, entretanto, para o fato de que a motivação de tais ocorrências não ser a do português influenciando a Libras, mas de a Libras tomando aspectos da língua falada, apropriando-se de elementos não-nativos para efetuar uma brincadeira, ou seja, jogos de sinais de duas línguas diferentes, como já mencionado, híbridos ou um tipo de empréstimo duplamente híbrido, não apenas por serem de duas línguas diferentes, mas ainda por serem de duas modalidades diferentes, portanto, jogos de sinais híbridos.

A questão que permanece ainda é de como categorizar ocorrências como essas com as tipologias de empréstimos conhecidas e quais as possíveis implicações para os estudos sobre aspectos morfofonológicos das LSs? Qual o real estatuto dos jogos de sinais como esses? Podem ser considerados empréstimos? Se sim, quais os mecanismos morfofonológicos envolvidos?

2.2 O que os jogos de sinais (híbridos) têm a dizer sobre empréstimos na Libras?

A questão que temos levantado até aqui é se esses jogos de sinais podem ser caracterizados como (casos particulares de) empréstimos do português na Libras, haja vista que nos exemplos apresentados acontece a substituição de uma soletração manual por um sinal (CM em T para o sinal TER, no exemplo em (1)) ou a inserção de um uma CM em um sinal (CM em R no sinal PROBLEMA, no exemplo em (4)), o que caracterizaria tais exemplos como possíveis casos de empréstimos híbridos. Coincidentemente, a CM para o sinal PROBLEMA é realizada justamente em L, ocorrendo um tipo de “rotacismo” sinalizado em que houve a troca da CM em L para a CM em R, para marcar a realização de uma variante não padrão do português brasileiro (probrema), que poderia ser encarada, grosso modo, como uma forma aproximada do rotacismo em português representado por CM na Libras.

Temos diante dos exemplos aqui descritos duas possibilidades: considerá-los casos peculiares de criação lexical, distinto de empréstimos, o que nesse caso, teríamos que ignorar a participação do português, ou considerar esses exemplos como casos híbridos de criação de jogos de sinais e empréstimos ao mesmo tempo. Para advogar uma ou outra opção, descrevemos as duas situações em foco, a de um trocadilho sinalizado e um empréstimo na Libras, como segue: (i) a criação de um jogo

de sinais típico da Libras por usar sinais considerados nativos da língua; (ii) um caso prototípico de empréstimo, já nativizado.

No primeiro caso, um trocadilho foi realizado por um surdo em uma conversa descontraída entre amigos na qual o assunto era sobre sexo. Ao se referir a um dos interlocutores, um surdo fez um sinal que nunca havíamos visto, mas que todos entenderam e riram no momento. O surdo em questão bateu a mão ativa com a configuração de mão em E no antebraço da mão passiva, insinuando que seu amigo era “viciado em sexo”, conforme Fig. 5c. Para uma melhor visualização, as Figuras 5a. e 5b apresentam os sinais VICIADO e SEXO respectivamente:

(5) a. VICIADO



Fig. 5a. Sinal para viciado

(5) b. SEXO



Fig. 5b. Sinal para transar/sexo

(5) c. VICIADO^SEXO



Fig. 3c. Sinal para viciado em sexo

Esse exemplo é interessante ao se perceber que o sinal de sexo (com sentido pejorativo de “foda”) é feito com a mão ativa batendo nas costas da mão passiva, iconicamente simulando o ato sexual entre duas pessoas, enquanto que um dos sinais para viciado (há outros sinais para “vício”) é a mão ativa fechada na configuração em A tocando no antebraço da mão passiva. Ao mesclar a CM em E do sinal SEXO e utilizar o P. A. do sinal VICIADO na mão passiva, o surdo criou um trocadilho sinalizado com o sentido de “viciado em sexo” (Fig. 5c.). Nesse exemplo temos dois sinais considerados nativos da Libras, com um certo grau de iconicidade (SEXO e VICIADO), mas considerado nativos no léxico da Libras, produzindo um trocadilho sinalizado interessante num momento de interação.

O segundo caso, o de empréstimo, é o do sinal E-MAIL e a forma como foi nativizado na Libras. Inicialmente o sinal era realizado com a mão ativa na configuração em M e a mão passiva na

configuração em E, nitidamente as iniciais para *electronic-mail*, fazendo-se um movimento da mão ativa entre os dedos da mão passiva em E, conforme figura abaixo:

(6) E-MAIL (Diniz, 2011, p. 59)



Figura 6 – Mudança diacrônica do sinal E-MAIL

Percebe-se que o sinal E-MAIL era já um empréstimo do português a partir de uma transliteração de letra inicial (tipo b na tipologia de Faria do Nascimento, Quadro 1) seguida de um decalque semântico, devido ao movimento de passar “no meio” (mail) da mão passiva. Com o tempo, o sinal se adaptou e a configuração de mão mudou para as duas mãos. A mão ativa com todos os dedos espalmados e a mão passiva com a configuração em C, mantendo-se apenas o movimento no meio da mão passiva.

O exemplo para o sinal E-MAIL, tem em comum com os exemplos de TER-C-C e PROBLEMA, diferentemente do exemplo VICIADO^SEXO, o contato e a dependência com a língua portuguesa para que se entenda a motivação na sua criação lexical. Os trocadilhos sinalizados PROBLEMINHA, PROBLEMÃO e VICIADO^SEXO não têm qualquer relação com a língua portuguesa, por outro lado, os jogos de sinais TER-C-C e PROBLEMA guardam alguma relação com o português para que se entenda a sua produção. Estes dois últimos se assemelham pelo simples fato de só poderem ocorrer por serem decorrentes do contato com o português, o que caracterizaria um empréstimo (Haspelmath, 2009). Por outro lado, o cenário não é tão simples assim. Admitimos a especificidade dos jogos de sinais, em relação com os empréstimos estritamente ditos. Fato que nos direciona a um

questionamento mais amplo sobre fenômenos de contato pouco ou não estudados.

Na literatura da linguística do contato, nos deparamos com menções aos *loanblends* (empréstimos mesclados) para o caso de línguas faladas (Haspelmath, 2009) que se aproximam do caso em foco deste artigo. Conforme Haspelmath (2009, p. 39): “*Loanblends* são empréstimos híbridos que consistem em parte de material emprestado e parte de material nativo (as propriedades estruturais também são emprestadas)”. No entanto, o autor afirma que os *loanblends* não são bastante atestados e que “A maioria das expressões de caráter híbrido ou estrangeiras não são de fato empréstimos, mas criações baseadas em empréstimos (*loan-based creation*), isto é, palavras criadas em uma língua com material que foi emprestado anteriormente [...]”. No entanto, não parece ser esse o caso dos jogos de sinais híbridos focalizados neste trabalho, por serem decorrentes de duas modalidades diferentes de língua, caso não levado em conta pelo autor.

Cabe ressaltar que o exemplo apresentado por Haspelmath (2009, p. 39) para *loanblends* são específicos de empréstimos etimológicos, ou seja, palavras emprestadas anteriormente, geralmente de raízes gregas ou latinas, com material nativo de determinada língua. Para o caso das línguas de sinais, especificamente os dois exemplos já apresentados aqui (TER-C-C e PROBREMA), poderíamos encará-los como casos de *laonblends*, mas com a especificidade de serem de duas línguas em duas modalidades diferentes. O que ocorre ainda é a pouca atenção dada a esses fenômenos aparentemente marginais de criações lexicais nas tipologias de empréstimos nas línguas de sinais (Cf. Quadro 1), também apontada para o caso de línguas faladas (Araújo, 2000; Gonçalves, 2006). Uma alternativa de análise, mesmo que incipiente, seria a de testar as restrições formacionais dos empréstimos considerados prototípicos das línguas de sinais (o sinal E-MAIL, por exemplo) e se essas mesmas restrições se aplicariam aos jogos de sinais encarados aqui como híbridos ou, grosso modo, *loanblends* (TER-C-C e PROBREMA). Discutimos essas questões na seção 3, no entanto, oferecemos alguns apontamentos sobre a ocorrência e produtividade dos jogos de sinais e as possibilidades metodológicas de coleta (ou eliciação) dos jogos de sinais. Para além disso, levantamos alguns questionamentos sobre a melhor forma de denominar os processos sob estudo, de modo que seja favorecida uma descrição mais refinada desses jogos de sinais, posteriormente.

2.3 Algumas palavras sobre a produtividade dos jogos de sinais e a terminologia adotada

Na interação entre surdos e ouvintes ou entre surdos acontecem frequentemente brincadeiras com as palavras do português em contato com os sinais da Libras. Os exemplos apresentados na

subseção 2.2 são apenas os mais emblemáticos por ter causado um certo estranhamento quando tentamos distinguir aqueles jogos de sinais de casos de empréstimos.

Por acontecer em sua grande maioria em momentos de interação espontânea, uma coleta sistemática se torna mais difícil, no entanto, não impossível. Assim que percebemos o uso de determinado jogo de sinais em conversas espontâneas, buscamos, posteriormente, eliciar alguns dados com surdos para atestar a aceitabilidade desses jogos de sinais. Como esperado, os surdos compreendiam perfeitamente o sentido, mas o humor produzido no contexto da interação era perdido parcialmente, o que demonstra que os jogos de sinais, assim como os jogos de palavras de línguas faladas dependem em certa medida do contexto em que são criados e utilizados.

Em poucos meses foram coletados um número considerável de jogos de sinais caracterizados como decorrentes do contato com o português, a exemplo da expressão “positivo e operante” realizado como um decalque na Libras: POSITIVO^OPERANTE, utilizando os sinais para POSITIVO e CIRURGIA para traduzir a expressão. Outras ocasiões de produção de jogos de sinais foram as brincadeiras de tradução de memes de redes sociais como “senta aí Cláudia” e “tá tranquilo, tá favorável”, etc. Os surdos, principalmente aqueles com conhecimento do português, e ouvintes com certa fluência na Libras, produzem diversos jogos de sinais, fazendo uso de aspectos do contato do português com a Libras. Dos jogos de sinais que tivemos a chance de anotar, os sinais TER-C-C e PROBREMA chamaram mais nossa atenção. Para além destes, presenciamos brincadeiras com os sinais individuais, de lugares e ainda jogos de sinais sobre outros jogos de sinais pré-existentes ou recentemente criados.

Aqui talvez valha traçar algumas considerações acerca das oscilações no uso dos termos para cunhar os fenômenos sob análise. É sabido que diante de fenômenos novos ou pouco conhecidos um investigador se vê na tarefa de denominar o conjunto de processos sob sua análise. No desenvolvimento deste trabalho vez e outra nos deparamos com a necessidade de fazer algumas escolhas terminológicas, senão para cunhar termos duradouros, mas muito mais para auxiliar a tarefa de focalizar os fenômenos de interesse da pesquisa. Para início, insistimos no termo “jogos de sinais” justamente para reafirmarmos a existência e produtividade dos jogos com os sinais na Libras.

Considerando a natureza do contato entre a Libras e o português, indagamos se seria necessário fazer menção aos jogos de sinais simplesmente como jogos de sinais ou para caracterizar o contato

com o português como “jogos de sinais híbridos”¹⁴. Optamos pela última alternativa, a qual passamos a utilizar a partir daqui, sem parênteses, deixando claro que o interesse neste trabalho são os jogos de sinais decorrentes do contato da Libras com o português, reservando o termo “jogos de sinais” quando o jogo sobre os sinais se dá com o núcleo lexical nativo da Libras apenas (exemplo de VICIADO^SEXO).

Por fim, a questão da terminologia neste trabalho surgiu atrelada à necessidade de categorizar os jogos com os sinais que foram sendo presenciados, mesmo sabendo que os termos adotados aqui poderão ser substituídos com a realização de pesquisa mais abrangente. Retomando a questão da subseção anterior, nossa impressão ainda é aquela de que talvez seria necessário mais uma linha no Quadro 1, acrescentando à tipologia de empréstimos na Libras os jogos de sinais híbridos. Esperamos que a partir desta primeira abordagem de jogos de sinais híbridos na Libras, deste artigo, o debate seja expandido levando em consideração a discussão da subseção anterior acerca dos *loanblends*, para o caso das línguas de sinais, os *signed loanblends*. Reiteramos que a escolha terminológica aqui se fez necessária para podermos manejar os dados em vista, sabendo que com a realização de novos estudos um termo mais adequado ou menos enviesado seja eleito para denominar o rol de fenômenos sob lupa neste artigo.

3 A fonologia e morfologia dos jogos de sinais híbridos na Libras

3.1 As restrições na produção de empréstimos na Libras: as mesmas para os jogos de sinais?

Encarar os jogos de sinais apresentados neste trabalho como empréstimos linguísticos do português para a Libras requer que seja demonstrado que os jogos de sinais passam pelas mesmas restrições fonológicas que os empréstimos prototípicos. Detemo-nos agora sobre os processos de mudança de sinais na adaptação de empréstimos em línguas de sinais atestados por Valli e Lucas (2000, p. 64-67), pautados em Battison (2003 [1978]), para a ASL. Os autores concordam que os sinais decorrentes de empréstimos de língua falada acabam por se conformar às restrições de boa formação e sinais, lexicalizando sinais antes realizados apenas com a datilologia. Um exemplo bem conhecido é o sinal NUNCA da Libras, realizado basicamente com as CMs em N e U, antes realizado N-U-N-C-A.

14 Foi cogitado ainda um termo mais específico para os trocadilhos sinalizados (sinadilhos), mas a opção foi por “jogos de sinais” ou trocadilhos sinalizados, como já utilizados por Araújo e Bentes (2016).

Para o caso da Libras, Nascimento (2010, p. 84) apresenta um quadro de “mudanças de sinais datilológicos lexicalizados com seus respectivos sinais em LSB”¹⁵, seguindo os mesmos oito processos apontados inicialmente por Battison (2003 [1978]: 184-210), abaixo:

Mudanças (Battison, 2003 [1978])	Exemplos de sinais da Libras (Nascimento, 2010)
1 - Configuração de mão apagada	#ADJETIVOS, #GAY, #QUEM2, #VAGEM1
2 - Localização modificada	#AMAPA, #CURSO, #DÍZIMO
3 - Configuração de mão modificada	#EMA, #LOJA, #LUCRO, #PAR1, #VICIO
4 - Movimento adicionado	#VENEZUELA, #VENTO, #ASSOCIAÇÃO, #DOUTOR, #ILHA
5 - Orientação da palma da mão modificada	#URSO1, #AR, #BELO HORIZONTE, #DOUTOR, #ILHA
6 - Movimento reduplicado	#FOFOQUEIR@, #LETRAS, #PRATA
7 - Segunda mão adicionada	#COMUNICAÇÃO, #FAMÍLIA, #HIPPIE, #REGRA
8 - Informação gramatical adicionada	#SOL

Quadro 2 – Mudanças de sinais na adaptação de empréstimos (Adaptado de Nascimento, 2010, p. 84)¹⁶

As mudanças que acontecem com os sinais em processos de lexicalização e adaptação fonológica podem ser organizadas a partir dos processos envolvidos: (i) apagamento de traços ou parâmetros; (ii) modificação de parâmetros; (iii) adição de parâmetro; e (iv) reduplicação. Battison identificou para o primeiro caso apenas o apagamento da CM, podendo ainda haver a modificação da CM. Além da CM, os parâmetros L, e O sofrem modificações. O parâmetro M aparentemente não sofre modificação, mas pode ser adicionado ou reduplicado. Uma questão que surge é a do porquê o M não figurar entre os parâmetros que podem sofrer modificação, à semelhança da CM, L e O. Retomamos esse questionamento adiante numa rápida discussão sobre essa questão. Além do M, o parâmetro número de mãos (PNM) pode operar com a duplicação de mãos, fenômeno estudado por Xavier e Barbosa (2013). Aqui também surge a dúvida sobre a possibilidade de ocorrer o processo contrário, o da unificação de mãos, também analisado por Xavier e Barbosa (2013). Por fim, acontece o fenômeno de informação gramatical adicionada, o qual acontece quando o uso do espaço de sinalização ou a mudança na L permite a emergência de informações gramaticais não existentes antes no sinal.

¹⁵ Nascimento (2010) utiliza a sigla LSB para a Libras, buscando seguir a tentativa de se referir às línguas de sinais por três letras, as duas primeiras indicando antes a modalidade e a última letra indicando a origem ou nacionalidade, nesse caso: Língua de Sinais Brasileira-LSB, como é apregoado na academia. No entanto, diversas línguas de sinais do mundo não seguem à risca essas regras, a exemplo da língua de Sinais Japonesa-NS (*Nihon Syuwa*); a Língua de Sinais Australiana-Auslan; a Língua Italiana de Sinais-LIS. Nesta, à semelhança com a Libras, indica-se antes a origem da língua e depois a modalidade. Neste trabalho decidimos seguir a abreviação Libras, respeitando o endônimo escolhido pela comunidade surda brasileira para denominar sua língua.

¹⁶ Remetemos o leitor ao trabalho original para um detalhamento de cada restrição. Ademais, informamos que o uso de # antes do nome do sinal indica que o sinal foi lexicalizado.

Nascimento (2010), na tabela acima, ilustra com o sinal #SOL, um possível caso dessa mudança, por acontecer com esse empréstimo a mudança de localização do espaço neutro da datilologia para o espaço acima e do lado da cabeça do sinalizante, representando iconicamente os raios de sol com o movimento interno das mãos entre a CM em S para a CM em L.

O exemplo com #SOL de Nascimento nos deixou ligeiramente em dúvida por acreditarmos que a mudança descrita por Battison, na verdade, teria como foco a adição de informação gramatical como a concordância ou outra próxima aos processos de gramaticalização, conforme rápida descrição de Valli e Lucas (2000, p. 67) para casos da ASL. De qualquer maneira, o oitavo tipo de mudança em sinais decorrentes de empréstimos (Quadro 2) parece ter alguma semelhança com o processo de lexicalização de sinais icônicos antes realizados com movimentos do corpo do sinalizante, passando a ser sinalizado apenas com os articuladores manuais. Diniz (2011, p. 109) oferece como exemplos os sinais #CADEIRA e #FACA¹⁷.

Os empréstimos na Libras passariam por uma ou mais das tendências de mudança apresentadas no Quadro 2 acima, permitindo a integração, maior ou menor, dos tipos de empréstimos apontados no Quadro 1. Cabe agora uma rápida ilustração para o caso dos jogos de sinais híbridos, para verificarmos se passam pelas mesmas restrições observadas na adaptação dos empréstimos. Como exemplo, descrevemos outro jogo de sinais produzido por um surdo ao ser convidado para participar de uma disciplina como aluno “ouvinte”, o mesmo sinalizou que seria um OUVINTE, como mostra a figura abaixo:

(7) ALUNO^OUVINTE2



Figura 7 – Sinal de surdo como aluno ouvinte

17 Suspeitamos que o sinal SUSTO/ASSUTAR tenha seguido essa mesma tendência.

No jogo de sinais acima, acontece a modificação da localização, do sinal ALUNO[^]OUVINTE1, realizado na orelha, para ALUNO[^]OUVINTE2 realizado em um dos olhos, juntamente com a oralização (*mouthing*), fazendo-se uso do empréstimo pela configuração visual dos lábios, na tipologia de Faria do Nascimento (2009) (Cf. Quadro 1). O jogo de sinais em questão é caracterizado pelo decalque semântico do português juntamente com a oralização, apresentando-se como um bom exemplo de jogo de sinais híbrido e empréstimo do português na Libras por ser produzido juntamente com a oralização (o surdo gesticula com a boca a palavra “ouvinte”, o que infelizmente não foi registrado na imagem da Fig. 7). Verifica-se assim que os jogos de sinais híbridos parecem obedecer às mesmas restrições pelas quais passam os empréstimos, no entanto, até que ponto?

Com o exemplo apresentado nesta seção, indagamos sobre o processo de integração desses empréstimos em formato de jogos de sinais no léxico da Libras, ao passar pelos mesmos processos fonológicos e morfológicos de adaptação ao sistema linguístico da língua de sinais. A hipótese é de que os jogos de sinais, em princípio, não apresentariam nenhuma dificuldade de se integrarem ao léxico da Libras por também passarem pelas mesmas restrições fonológicas (Quadro 2) presentes nas línguas de sinais para os empréstimos decorrentes de inicialização. Uma das principais diferenças percebidas entre os empréstimos e os jogos de sinais híbridos é a de que para estes uma das motivações primordiais é a de produzir humor, o que não necessariamente é o caso daqueles. Frente a isso, mesmo que, tanto empréstimos quanto jogos de sinais pareçam se conformar às mesmas restrições fonológicas de boa formação de sinais, os jogos de sinais parecem ter uma outra particularidade em possíveis violações nas restrições fonológicas dos empréstimos. Retomamos aqui o exemplo em (5c.), VICIADO[^]SEXO, em contraposição ao exemplo em (7), ALUNO[^]OUVINTE2. Enquanto os dois exemplos são casos nítidos de jogos de sinais, apenas o último guarda alguma relação com a língua portuguesa para ser compreendido. Para haver o sentido de ALUNO[^]OUVINTE2 é preciso haver a oralização (*mouthing*) o que caracteriza tal jogo de sinais como um empréstimo do português, seguindo a tipologia de Faria do Nascimento (2009) no Quadro 1, caso de empréstimo pela configuração visual dos lábios. Além de ser um empréstimo, o exemplo em (5) é ainda um trocadilho sinalizado: foi produzido para produzir humor (Sutton-Spence; Napoli, 2009), ou seja, um jogo de sinais híbrido (*signed loanblend?*). Com esta última exemplificação, acreditamos ter apresentado uma aproximação entre jogos de sinais híbridos e empréstimos do português na Libras.

3.2 O estatuto dos jogos de sinais na Libras

Com sua primeira análise de jogos de sinais para a ASL, Klima e Bellugi (1979: 324-333)

apontam estratégias utilizadas pelos sinalizantes para brincarem com os sinais (*play on signs*). As estratégias são basicamente a substituição de parâmetros: CM, L, M e O, além do uso da articulação simultânea de sinais (dois sinais com sentidos opostos feitos ao mesmo tempo com as duas mãos)¹⁸ ou a de sinais mesclados (*blending of signs*). Estes últimos podem se dar nos sinais individuais ou epítetos, ou seja, nas brincadeiras com os sinais de nomes de pessoas, algo próximo aos apelidos, e como mescla de movimentos. Neste último caso, os autores afirmam que esses jogos de sinais parecem ocorrer apenas em jogos de sinais e em sinais relacionados à arte (*art signs*) (Klima; Bellugi, 1979: 332).

A descrição para os jogos de sinais, apresentada por estes autores, esclarece parcialmente a natureza dos jogos de sinais TER-C-C e PROBREMA discutidos na subseção 2.1. Poderíamos caracterizar as duas ocorrências como caso de mesclas de sinais para TER-C-C, no qual verifica-se a inserção do sinal TER na transliteração pragmática de T-C-C. Para o sinal PROBREMA, temos a atuação do que os autores chamam de parâmetros menores: a estratégia consiste em mudanças internas em um sinal que permita a incorporação de outras unidades de sentido, podendo acontecer com a utilização de morfemas ditos menores como o morfema boca ou pela configuração visual dos lábios, caso do sinal OUVINTE2 (Fig. 7). Para o sinal PROBREMA, ocorre a modificação da CM de L para R, mantendo-se todos os outros parâmetros do sinal original PROBLEMA.

Os mecanismos à disposição para se brincar com os sinais podem se assemelhar àqueles existentes nas línguas faladas. As estratégias apontadas por Klima e Bellugi (1979) suscitam uma pequena semelhança com as tendências de mudança de empréstimos propostos em Battison (Quadro 2). Ainda que aqueles autores tenham exemplificado muito mais jogos com sinais a partir de sinais já consolidados na ASL, é interessante notar que eles mencionam pelo menos dois casos de jogos de sinais que poderiam ser considerados como empréstimos discutidos neste artigo. Klima e Bellugi (1979, p. 331) mencionam que um dos colaboradores surdos criou o sinal para LINGUISTICA até então inexistente para eles naquele momento, mas logo que criou o sinal LINGUISTICA, o surdo mesclou o sinal referido com o sinal de BALANÇA produzindo o sinal LINGUISTICA^BALANÇA, satisfazendo assim a necessidade que sentiu para resolver um impasse que surgiu durante discussões sobre questões linguísticas da ASL. Além desse, os autores mencionam ainda a possibilidade de jogar com sinais sobre sinais, isto é, jogos de sinais sobre sinais criados anteriormente já como jogos

18 Não confundir a articulação simultânea de sinais com a duplicação de sinais analisada por Xavier e Barbosa (2013). Para a primeira situação ocorre a sinalização simultânea de dois sinais distintos, o que não é o caso das variantes estudadas na duplicação.

de sinais, como foi o caso do sinal TER-C-C, no sentido de mau odor das axilas. Para esse caso, os autores (1979, p. 336-337) apresentam o sinal criado para lapsos linguísticos (SLIP-OF-THE-TONGUE) para então brincar sobre os jogos de sinais criados para produzir “lapso das mãos” (SLIP-OF-THE-HAND), ainda criando outros jogos de sinais a partir do primeiro.

Falta, por enquanto, um estudo mais aprofundado e uma coleta exaustiva de jogos de sinais ou trocadilhos sinalizados. Os jogos de sinais híbridos na Libras parecem respeitar tanto as tendências de mudança na integração de empréstimos (Battison, 2003 [1978]) quanto parecem seguir as estratégias para jogar com os sinais, criados ou já existentes (Klima; Bellugi, 1979). Diante dessa natureza híbrida dos jogos de sinais decorrentes de empréstimos, é tentador que se conjecture sobre a interrelação entre as facetas fonológicas e morfológicas próprias de empréstimos e jogos de sinais e em que medida o estudo dessas interrelações teria para um melhor entendimento da estrutura das línguas de sinais.

3.3 Implicações para a descrição da fonologia e morfologia da Libras

Atentar para a existência e funcionamento dos jogos de sinais e sua interrelação com os empréstimos traz resultados inesperados para os estudos em fonologia e morfologia das línguas de sinais. Primeiramente por demonstrar que os casos pouco descritos e considerados marginais nas pesquisas em linguística das línguas de sinais, como a criação de trocadilhos, escondem aspectos até então ignorados, mas que sempre estiveram à disposição para serem estudados tais como o limite na variação de subparâmetros como mecanismos de criação de trocadilhos sinalizados. Por exemplo, o jogo de sinais em (2) e (3) em que a mudança de dedos na sinalização, do dedo indicador para o dedo mínimo em (2) não acarreta uma má formação do sinal, mas acrescenta uma informação de diminutivo, ou o fato de espalmar a mão passiva no exemplo em (3) não desconfigura o sinal PROBLEMA, mas antes brinca com a possibilidade de produzir o sentido de “vários problemas”.

De qualquer forma, uma consequência, talvez menos esperada, seja a de que a existência de jogos de sinais híbridos apresenta-se como uma arena para testes e confirmações sobre aspectos de áreas já consideradas consolidadas nos estudos das línguas de sinais, tais como a impossibilidade de violação de parâmetros na boa formação de sinais, a exemplo do parâmetro Movimento (M) em jogos de sinais híbridos, como já observado na subseção 3.1. Uma hipótese inicial é a de que o M é um parâmetro fonológico que guarda bastante informação gramatical (a exemplo dos verbos de concordância para os quais uma mudança de movimento pode acarretar mudança no sentido gramatical: $_1$ ENTREGAR $_2$, e $_2$ ENTREGAR $_1$, nos quais os números sobescritos indicam as primeiras e segundas pessoas do

singular) por isso apresentaria uma restrição mais rígida para a aceitação de sinais como empréstimos. Devido a isso, o parâmetro M pode apenas ser adicionado ou duplicado nas mudanças apresentadas por Battison (Quadro 2). Por outro lado, na produção de jogos de sinais, o parâmetro M poderia ser “violado” justamente para que se produza o jogo sobre os sinais. Até o momento esta é apenas uma hipótese que necessita de um estudo bem mais aprofundado sobre a natureza dos jogos de sinais na Libras.

Em segundo lugar, esse conjunto de usos linguísticos, os jogos de sinais, que à primeira vista teria ligação apenas com questões pragmáticas ou semânticas das línguas de sinais ou mesmo sociolinguístico, poderia contribuir na corroboração do que é já conhecido sobre a estrutura fonológica das LSs e seus processos morfológicos, como também pode revelar novas nuances antes não percebidas pelos investigadores, a exemplo do estatuto do parâmetro M como núcleo da sílaba nas línguas de sinais, conforme é aceito pela maioria dos teóricos (Brentari, 2012: 27-31; Cunha, 2001), apesar de haver propostas na qual o parâmetro Localização (L) seja o núcleo da sílaba para a Libras (Aguiar, 2013)¹⁹.

Considerações finais

Os questionamentos e direcionamentos de pesquisa oferecidos neste trabalho condizem com a constatação do ainda pouco explorado aspecto dos jogos de sinais das línguas sinalizadas. De uma justificativa inicial de tratar os jogos de sinais híbridos em relação aos empréstimos, de uma língua oral-auditiva para uma língua visuoespacial, verificamos a produtividade no discurso espontâneo de surdos e ouvintes sinalizantes de jogos linguísticos sobre os sinais, não raro decorrentes do contato da Libras com a língua portuguesa. Essa produtividade remete à necessidade e possibilidades de incluir os jogos de sinais híbridos nas tipologias de empréstimos do português na Libras (Faria do Nascimento, 2009; Nascimento, 2010).

Concordando com a inclusão dos jogos de sinais híbridos nas tipologias de empréstimos, nos detemos ainda sobre o estatuto desses processos de formação de sinais, tomando como partida os trabalhos pioneiros de Klima e Bellugi (1979), chamando a atenção para o fato de os jogos de

¹⁹ Em outras versões deste artigo, elencamos rapidamente algumas informações sobre as frentes de pesquisa relacionadas com jogos de sinais e o parâmetro Movimento quanto à sua violação em processos de boa formação de sinais em trocadilhos sinalizados e como possível núcleo da sílaba, no entanto, seguindo os pareceristas anônimos, concordamos que o texto estava muito hipotético, fato que nos motivou a apenas mencionar essas futuras frentes de pesquisa, o que talvez acarrete para esta subseção uma carência maior de argumentos a favor das propostas de investigação aqui delineados.

sinais passarem pelas mesmas restrições fonológicas de adaptação de empréstimos apontados por Battison (2003 [1978]), apesar de termos notado que o parâmetro sublexical Movimento (M) parecer se comportar diferentemente na produção de jogos de sinais na Libras. Hipótese que aguarda ser investigada mais detidamente. Com isso, delineamos brevemente algumas linhas de investigação ao considerarmos justamente essa possível diferença do M na constituição de jogos de sinais e empréstimos. Reiteramos que os jogos de sinais devem figurar na elaboração de testes que busquem descrever profundamente parâmetros fonológicos na Libras, por exemplo, na descrição do real estatuto do parâmetro M como possível núcleo da sílaba nas línguas de sinais, podendo corroborar o que é aceito na literatura (Brentari, 2012; Cunha, 2011) ou trazer elementos que possibilitem outras propostas (Aguiar, 2013).

Com o desenvolvimento de novas investigações sobre empréstimos e jogos de sinais nas línguas sinalizadas, uma melhor caracterização dos processos de criação lexical ou de contato linguístico poderá desanuviar o real alcance dos fenômenos descritos e discutidos neste trabalho, podendo contribuir sobremaneira para debates referentes aos *loanblends* (Haspelmath, 2009). Até que novos dados e outros estudiosos interessados lancem perspectivas diferentes de análise, seguimos acreditando que os jogos de sinais híbridos se interrelacionam em alguma medida com os empréstimos, nomeadamente de LOs para LSs, como apresentado preliminarmente neste artigo.

REFERÊNCIAS

Adam, R. (2012). Language contact and borrowing. In: Pfau, R., Steinbach, M., Woll, B. *Sign Language: an international handbook*. Berlim: de Gruyter Mouton, p. 77-112.

Aguiar, T. C. (2013). *Nova proposta de sílaba em Libras*. 99f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

Araújo, G. A. (2000) de. Morfologia não-concatenativa em português: os *portmanteux*. *Cad. Est. Ling.*. Campinas, (39): 5-21, jul-dez.

Araújo, P. J. P. & Bentes, T. (2016). *(Un)punslatable Alice in Singland: wordplays in Brazilian Sign Language (Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS)*. In: Knospe, S.; Onysko, A. & Goth, M. *Crossing Languages to Play with Words: Multidisciplinary Perspectives*. Berlim: Mouton de

Gruyter, p. 337-356.

Battison, R. M. (2003 [1978]). *Lexical borrowing in American Sign Language*. Linstok Press: Burtonsville, Maryland.

Brentari, D. (Org.). (2001). *Foreign Vocabulary in Sign Languages: A crosslinguistic investigation of word formation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.

_____. (2012). Phonology. In: Pfau, R., Steinbach, M., Woll, B. *Sign Language: an international handbook*. Berlin: de Gruyter Mouton.

Brentari, D. & Padden, C. (2001). Native and foreign vocabulary in American Sign Language: a lexical with multiple origins. In: Brentari, Diane (Org.). *Foreign Vocabulary in Sign Languages: A crosslinguistic investigation of word formation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.

Cunha, K. M. M. B. (2011). *A estrutura silábica na Língua Brasileira de Sinais*. 181f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

Diniz, H. G. (2011). *A História da Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros: Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais na Libras*. Petrópolis: Arara Azul.

Faria do Nascimento, S. P. de. (2009). *Representações lexicais da LSB: uma proposta lexicográfica*. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Letras.

Ferreira, L. (2010 [1995]). *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Gonçalves, C. A. (2006). Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 219-241, 2. Sem.

_____. (2011). Paitrocínio, tecnomacumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 2, p. 67-90, jul/dez.

Haspelmath, M. Lexical borrowing: concepts and issues. In: Haspelmath, M. & Tadmor, U. (Orgs.).

- Loanwords in the World's Languages: A comparative handbook*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2009.
- Klima, Edward & Bellugi, Ursula. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- Machado, R. N. (2016). *Empréstimos linguísticos na Libras: primeira turma do curso de Letras Libras da UFSC*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Matras, Y. & Sakel, J. *Grammatical borrowing in Cross-Linguistic Perspective*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2007.
- Meir, I. Word classes and word formation. (2012). In: Pfau, R., Steibach, M. & Woll, B. *Sign Language: An International Handbook*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Nascimento, C. B. do. (2010). *Empréstimos linguísticos do Português na Língua Brasileira de Sinais – LSB: Línguas em Contato*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, Brasília.
- Sutton-Spence, R. & Napoli, D. Jo. (2009). *Humour in Sign Languages: The Linguistic Underpinnings*. Dublin: Trinity College Dublin.
- Valli, C. & Lucas, C. (2000). *Linguistics of American Sign Language: An introduction*. Gallaudet University: Washington, D.C.
- Xavier, A. (2006). *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras)*. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Xavier, A. & Barbosa, P. (2013). Com quantas mãos se faz um sinal? Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). *Todas as Letras*, v. 15, n. 1.